

PRETENSÕES DE ESTUDOS SOBRE MATERNIDADE, GÊNERO E LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

SANTOS; Paula Cristina Constantino¹

RESUMO

Introdução

A discussão em torno da equidade de gêneros tem ganhado destaque ao longo das últimas décadas. E nesse cenário, as relações de gênero que permeiam os cursos de exatas têm sido objeto de pesquisa em diversas áreas, e muitas dessas pesquisas enfatizam as especificidades que permeiam a interseccionalidade dessas relações às questões de raça, classe, etnia, deficiência, sexualidade e geracional.

Decorrente de movimentos e lutas, as mulheres estão conseguindo adentrar lugares que não podiam frequentar e tendo notoriedade em suas atividades e produções, mas ainda há várias dificuldades, exclusões e barreiras que são impostas e nem sempre são discutidas ou apresentam a visibilidade merecida.

Nesse sentido, o foco deste trabalho é expor pretensões de discussões de uma tese de doutorado que busca através do pressuposto da história oral discutir a relação entre gênero, maternidade e docência, narrar experiências de mulheres que vivem jornadas duplas, são mães e docentes dentro de um departamento de matemática de uma universidade pública.

Participarão da pesquisa, mulheres (cis ou trans), docentes de departamento de matemática de unidades da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Como referencial teórico, nos apoiamos em autores que discutem questões de gênero, a docência e a maternidade. A perspectiva do olhar para as relações de gênero se dá a partir da diferença, e não da "igualdade", e para isso nos valem de Deleuze e Guattari e seu debate sobre o devir. Além de Menezes e Louro, dentre outros que discutem gênero, maternidade e docência.

Norteamentos

Em uma pesquisa feita no portal CAPES de teses e dissertações, nos últimos 10 anos, com as palavras-chave: "Mulher, maternidade e licenciatura em matemática" não obtivemos nenhum resultado. Com as palavras separadas por ponto e vírgula foi possível obter 550 trabalhos, nos quais nenhum discutia os três assuntos em comum. Identificamos um trabalho Menezes [1] no qual tem como objetivo "analisar as implicações de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do IMFUBa e das que as sucederam na consolidação da Instituição", a autora traz nas discussões a questão da maternidade, mas não é o foco da pesquisa. Percebemos a necessidade de discutir a temática, além de abrir espaço para que ela seja feita no coletivo. Pretendemos construir narrativas a partir do coletivo, pois acreditamos que ainda precisamos desse espaço de discussão, para além do olhar na inserção de mulheres dentro de ambientes que antes era considerado impróprio, mas para a constituição de narrativas que contribuam para compreensão da trajetória de mulheres, mães, dentro de um departamento de matemática. Concordamos com Menezes [2] ao dizer que

Trata-se também de agregar a perspectiva das mulheres às pesquisas neste campo, de modo que seus propósitos, suas necessidades e sua criatividade façam parte de abordagens investigativas contribuindo assim para o empoderamento das mulheres e consequentemente, da melhoria da qualidade de vida da sociedade como um todo. (p.18)

Assim, através das narrativas dos participantes, buscamos registrar suas conquistas e dificuldades dentro de seus ofícios para que sirvam de estímulo para outras mulheres que estão em formação acadêmica, assim como identificação para aquelas que já adentram esses espaços e não conhecem pessoas que compartilham das mesmas experiências.

O que se pretende neste trabalho

A pesquisa na qual apresentamos tem como pretensão discutir a relação entre gênero, maternidade e docência

¹ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Bauru/São Paulo/Brasil, paula.constantino@unesp.br

a partir das experiências de docentes do curso de licenciatura em matemática da Unesp. Para isso, será necessário: compreender as relações de gênero, a partir da diferença, e sua interseccionalidade com docência e ou pesquisa em matemática, que emergem de departamentos de matemática e cursos de licenciatura em matemática; analisar as questões da feminilidade que cercam a maternidade a partir das narrativas de docentes lotadas em departamentos e que atuam em cursos de licenciaturas em matemática; caracterizar potências, limites e desafios relatados por mulheres que são mães e docentes nos cursos de licenciatura em matemática da Unesp e produzir narrativas que expressem as experiências das mulheres participantes da pesquisa em relação ao gênero, maternidade e docência.

Conexões e desconexões

As discussões sobre o tema proposto tem ganhado notoriedade, o que antes era restrito aos homens, hoje, já tem se expandido. Quando as mulheres passaram a ocupar lugares na academia não foram lugares pensados para todos, mas sim, ocuparam um lugar que seria para um homem, ou seja, suas necessidades e especificidades não estavam sendo consideradas, mas ela estava se adequando a um lugar de outra pessoa.

A partir desse pensamento, ao olharmos para a mulher dentro de um departamento de matemática não podemos considerar apenas a sua inserção, mas sim como esta ocorre. Quando vamos além da vida profissional e nos adentramos na questão familiar, percebemos que para realizar ambas as funções é necessário ter um esforço maior do que seus pares, e isso se intensifica com a maternidade. Corroboramos com Menezes [2] ao dizer que

é necessário avaliarmos cuidadosamente o quanto este estilo de vida exige sacrifícios cada vez maiores; é necessário também reconhecermos que, embora as mudanças tenham sido muito positivas, estamos sempre precisando e sonhando com um dia de mais de 24 horas. As mudanças foram positivas, sem dúvida, hoje estamos em todos os lugares, todos os espaços, mesmo que numericamente ainda em proporções desfavoráveis em relação aos nossos pares homens, mas como estamos nestes espaços? O que tivemos que fazer, ou ainda, o que tivemos de deixar de fazer na busca para alcançar estes espaços? Essas novas mulheres “polvo” com suas multitarefas não estão percebendo que as suas conquistas tem um preço e este, continua sendo determinado pelo poder da sociedade androcêntrica. A maternagem continua sendo assumida como função primordial das mulheres e ao mesmo tempo celebra-se a idealização das mulheres bem sucedidas profissionalmente. (p. 18)

Dessa forma, pensar nessa mulher, mãe e docente da mesma forma como a academia vê seus pares homens, não contribui para que estas alcancem o reconhecimento necessário de acordo com seu trabalho. Buscamos olhar para as relações de gênero a partir da diferença, e não da “igualdade”. Segundo Santos [3] “temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza” (p.56) e identificar quando a diferença se faz necessária possibilita compreender que o outro, assim como nós mesmo, nos constituímos a partir dessa diferença a todo momento.

E ao pensarmos a diferença como a transitoriedade e como construção do ser e de suas necessidades, corroboramos com o discurso sobre a diferença dos autores Gilles Deleuze e Félix Guatarri. Para compreender a transitoriedade do constituir-se mulher, mãe e docente, fazemos uma relação com o conceito de devir, discutido pelos mesmos autores. Para eles,

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. [4] (p. 64).

Dessa forma, compreendemos que o devir não produz uma cópia, ele produz a si mesmo em um constante processo de se diferir, ele produz sua própria realidade que se passa na diferença, e ao diferir de si mesmo ele constituiu um outro. E é a partir desse conceito de devir que pensamos na transitoriedade do devir-mulher, devir-maternidade e devir-docência. E essa mesma transitoriedade nos possibilita pensar no papel e atuação de mulheres, mães e docentes como sujeitos dentro de um departamento, no nosso caso, de matemática, onde a flexibilização desta constante mudança não acontece, não é vista ou é até mesmo ignorada.

Se nos propusermos a pensar os lugares que ocupamos, assim como a maternidade e a docência a partir do conceito de “devir”, podemos considerar esses lugares como o próprio movimento. Isso não significa que, no

caso da maternidade, ora sejamos mães, ora sejamos outra coisa, mas que vamos nos compondo continuamente de diferentes formas. E dessa forma, a mulher é docente, é mãe, e não considerar que estas suas identidades não estejam misturadas, ora uma ora outra e ora as duas, é fazer com que esta não esteja em sua completude.

Diante disso, pensamos que muitos dos ambientes acadêmicos, como os departamentos de matemática, fixam um modelo de docentes e pesquisadores que muitas vezes desconsideram esses devires, focam apenas no fazer docente, fazendo com que os devires que constituem o ser humano sejam vistos como algo inapropriado para aquele ambiente. Por isso, nessa proposta de pesquisa nos propomos a ouvir sujeitos que transitam nesses devires, mulheres, mães e docentes e ainda, propor que estas olhem para essa experiência de forma coletiva, para que possamos repensar questões que podem ter sido impostas pela sociedade para que sejam algo privado, de responsabilidade individual, mas que podemos pensar, discutir e praticar no coletivo.

Pretensões do trabalho

Com o intuito de cumprir o objetivo do trabalho proposto, através de uma pesquisa qualitativa, pretendemos fazer uma entrevista coletiva com representantes dos cursos de licenciatura em matemática da Unesp, a universidade possui seis câmpus que oferecem o curso. Buscaremos duas pessoas de cada câmpus. Nossa proposta é trazer essa temática para uma discussão no coletivo, reunir professoras que exercem a maternidade e a docência dentro de um departamento de matemática e através de uma roda de conversa discutir sobre a temática em questão.

Para realizar o levantamento de dados pretendemos entrar em contato, através do e-mail, com o coordenador de curso de cada um dos seis câmpus, solicitar que seja encaminhada uma mensagem para as docentes que também são mães, fazendo um convite para participarem da roda de conversa, que por segurança (devido a pandemia) e a disponibilidade de todos participarem em um mesmo momento, será realizada virtualmente através de uma plataforma digital.

Para a roda de conversa serão utilizados os pressupostos da História Oral, onde teremos um roteiro pré-estabelecido, com questões que nortearão a discussão. A discussão será gravada para auxiliar nos estudos posteriores. A conversa será transcrita e textualizada (trazendo a narrativa da fala para um texto corrido, sem descaracterizar os dizeres de cada entrevistado).

Nossa previsão é de realizar quatro encontros com um grupo de doze pessoas, cada encontro terá em média três horas, onde terá uma apresentação da pesquisa e, em seguida, serão feitas perguntas que serão respondidas em blocos. Estamos cientes dos riscos que alguns assuntos podem trazer para nossos participantes, eles são baixos e comum a quem passa a rememorar uma experiência.

A opção pela entrevista no coletivo se dá pela interatividade entre as entrevistadas e na busca por pensar a maternidade através do coletivo. Ainda, a ideia é ser uma experiência compartilhada e por ser em grupo, pode minimizar algum dano no processo de resgate da memória. Tomson [5], nos traz a necessidade de adequar os métodos de pesquisa de acordo com a necessidade. Segundo o autor,

Numa perspectiva feminista, Kristina Minister afirma que "o método de história oral continua a se assentar sobre a premissa de que os entrevistadores conduzirão as entrevistas da maneira como os homens conduzem entrevistas". Ela argumenta, por exemplo, que os padrões de conversação das mulheres norte-americanas não são iguais ao padrão masculino de rodízio nas entrevistas, e que, com estas mulheres, uma estratégia de entrevista mais interativa propiciará comunicação e narrativas mais eficazes. O historiador oral escocês Graham Smith argumenta que as mulheres da classe operária das gerações de sua mãe e de sua avó na cidade de Dundee estão habituadas a falar de suas vidas em grupos de mulheres no local de trabalho, na vizinhança, na lavanderia - e há maior possibilidade de que venham a se abrir e instigar as memórias, histórias e interpretações umas das outras em entrevistas em grupo. Se houver um conselho universal sobre entrevistas de história oral, este será que o entrevistador precisa estar constantemente alerta para perceber qual a boa prática de entrevista em culturas e circunstâncias particulares. (p. 50)

Dessa forma, devemos adequar os métodos de acordo com o público, e trabalhar com a história oral no coletivo pode contribuir no despertar das memórias e histórias dos participantes da pesquisa.

Para a análise dos dados constituídos, teremos como inspiração as mônadas, que para Benjamin [6], significa "que cada ideia contém a imagem do mundo. A representação da ideia impõe como tarefa, portanto, nada

menos que a descrição dessa imagem abreviada do mundo” (p.70). Em suma, as mônadas podem ser entendidas como pequenos fragmentos de histórias que juntas têm a capacidade de contar sobre um todo, assim como o todo também pode contar sobre os fragmentos. Assim, pretendemos relacionar as experiências de nossas depoentes a partir do singular, do individual e também a partir do todo, do coletivo.

Considerações

Diante do que foi exposto, o presente trabalho traz pretensões de uma tese de doutorado, onde as discussões sobre relação de gênero, maternidade e docência nos cursos de licenciatura em matemática surgem de inquietações tanto acadêmicas como pessoais das autoras. A ciência por muito tempo foi vista como racional, desassociada da emoção, dos sentimentos, e a mulher por ser caracterizada como emotiva, foi incumbida de cuidar do lar, designada a ocupar o lugar privado. Hoje, através de avanços e conquistas de direitos o cenário tem se modificado, mas ainda é preciso mais. Por muito tempo lutamos por igualdade, mas hoje vemos que devemos reivindicar equidade, essa igualdade, em alguns casos, nos descaracteriza, nos inferioriza. Pensamos que propor uma discussão sobre essas questões é necessária, e promovê-la no coletivo pode despertar reflexões como por exemplo, de que podemos ser quem quisermos, não precisamos nos enquadrar em padrões que foram designados pela sociedade, devemos ser respeitadas pelo que somos e o que nos tornamos a cada dia, entre todos os devires da vida.

Referências

- [1] MENEZES, Márcia Barbosa de. **A MATEMÁTICA DAS MULHERES**: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (1941-1980). 381f.: il. Tese doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.
- [2] MENEZES, Márcia Barbosa de. **Lugar de mulher é na matemática**: percepções de professoras de matemática sobre suas trajetórias profissionais. Rio de Janeiro: URFJ - VI ESOCITE.BR/TECSOC, 2015. 20p. Disponível em: http://www.necso.ufrj.br/vi_esocite_br-tecsoc/gts/1438467776_ARQUIVO_textocompletoESOCITE2015.pdf Acesso em: 29 out. 2021.
- [3] SANTOS, Boaventura de Sousa. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 56.
- [4] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Suely Rolnik. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- [5] TOMSON, Alistair. **Aos cinquenta anos**: uma perspectiva internacional da história oral. Organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available8 from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- [6] BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I** – Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 7 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

PALAVRAS-CHAVE: Diferença, Departamento de matemática, coletivo